



Protestantismo em Revista é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

# A divinização e a humanização do perdão no imaginário popular religioso brasileiro

The deification and humanization of forgiveness  
in the Brazilian popular religious imagery

Neilson Xavier de Brito\*

## Resumo

Alguns modelos comportamentais são criados pela imaginação e somente nesse 'imaginário' tem existência real, ainda que seja fictícia. Essas imagens de representação coletiva ou ideias são internalizadas pelo homem, que constrói para si mesmo, sistemas de valores, crenças, ideologias e experiências religiosas. O imaginário popular religioso configura então, a partir de uma aparente reflexão, axiomas de fé e comportamento que passa a nortear às ações práticas da vida. Uma expressão do poeta e ensaísta britânico do Século XVIII, Alexander Pope, "Errar é humano. Perdoar é divino", passou a ser verdade absoluta no imaginário popular religioso brasileiro. Aborda-se nesse artigo, a relação divinização e humanização do perdão. Por que é possível compreender o potencial humano para o erro, mas quando se faz necessário aplicar o perdão para aquele que comete o erro, divinizamos o perdão? A partir de uma reflexão sobre o imaginário religioso popular, onde errar é uma atividade inata ao homem e o perdoar um dom exclusivamente divino e da relação e visão teológica do brasileiro com Deus, procura-se apresentar o conceito de perdão segundo o texto sagrado para os cristãos, expondo o princípio de que perdoar é tanto um ato divino quanto humano. Evoca-se também às dificuldades vivenciadas do ato de perdoar na relação homem para com o seu semelhante e o auxílio prestado através do aconselhamento.

## Palavras-chave

Imaginário religioso. Divinização. Humanização. Perdão. Aconselhamento.

## Abstract

Some behavioral models are created by imagination and only in this "imagery" have real existence, even if it is fictitious. These images of collective representation or ideas are internalized by man, who builds for himself value systems, beliefs, ideologies and religious experiences. Popular religious imagery establish then, from an apparent reflection,

---

[Texto recebido em 15/10/2015 e aceito em 26/04/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

\* Neilson Xavier de Brito. Pós-Graduado em Aconselhamento - Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Pastor batista. São Paulo, SP - Brasil. E-mail: pr\_neilson@hotmail.com

axioms of faith and behavior that become guidelines to the practical actions of life. An expression from the eighteenth century British poet and essayist Alexander Pope, "To err is human, to forgive is divine", has become an absolute truth in the Brazilian popular religious imagery. In this article, it is approached the deification and humanization nexus of forgiveness. Why is it possible to understand the human potential for error, but, when it becomes necessary to apply forgiveness to one who makes the mistake, we deify forgiveness? From a reflection on the popular religious imagery - where to err is an activity innate to man and to forgive a gift exclusively divine - and the theological vision and relationship of Brazilians with God, it is sought to introduce the concept of forgiveness according to the text sacred to Christians, exposing the principle that to forgive is both a divine and human act. It also evokes the difficulties experienced in the act of forgiving in the relation of man with his equal, and the assistance provided through counseling.

### Keywords

Religious imagery. Deification. Humanization. Forgiveness. Counseling.

## Considerações Iniciais

Alguns conceitos e valores são construídos ao longo da história como uma colcha de retalhos. Uma palavra hoje, outra amanhã, juntam-se para formar um pensamento que passa a ter de valor absoluto. A partir daí, traços culturais, ideológicos, institucionais, morais e religiosos são estabelecidos sem que haja uma análise mais profunda que a que gerou esses traços, agora, comportamentais. A ideia de que 'errar é humano' surge com as tragédias gregas, por exemplo, com Sófocles em *Antígona* e *Hipólito* de Eurípedes. Cícero (106-43 a.C.), uma das principais referências da literatura latina, segundo Hesse, já evocava o "erro humano"<sup>1</sup>. Jerônimo (347-419) cerca de 400 anos depois, se utilizou do mesmo conceito para afirmar: "porque é tão humano equivocarnos, como é inteligente admitir o erro".<sup>2</sup>

Entretanto, 'errar é humano' tornou-se popular a partir do poeta e ensaísta britânico, Alexander Pope (1688-1744) quando escreveu a obra *Ensaio Sobre a Crítica* em 1709<sup>3</sup>. Nessa obra Pope introduz a expressão 'Errar é humano. Perdoar é divino'. Observe-se que, se vistos separadamente, de fato, o errar é humano e o perdão é uma ação divina. A questão é, que quando forma uma sentença, passa-se a ideia de que errar é humano, pertence ao humano, mas que o perdão cabe apenas a Deus. Compreende-se o potencial humano para o erro, mas quando se faz necessário perdoar àquele que comete o erro, o

<sup>1</sup> HESSE, Hegel. *A história do mundo em 50 frases*. Trad. Maria Irene Bigotti de Carvalho. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 00

<sup>2</sup> HESSE, 2012, p. 00

<sup>3</sup> Em 1810 o Conde de Aguiar traduziu para a língua portuguesa através da Imprensa Régia- Rio de Janeiro, a obra de Alexander Pope *Ensaio Sobre a Crítica*. A expressão inglesa do *Essay on Criticism* 'To err is human, to forgive divine' foi traduzida por 'o errar he do homem; o perdoar, de Deus'. Disponível em: <[www.forgttenbooks.com/.../ensaio\\_sobre\\_a\\_critica\\_de\\_alexander\\_pope](http://www.forgttenbooks.com/.../ensaio_sobre_a_critica_de_alexander_pope)>

perdão é divinizado, passa a ser uma atribuição divina. Dessa forma, o imaginário popular religioso, e em particular o brasileiro, traduz que errar é humano, o que, por consequência, poderá resultar no afrouxamento da ética, e o perdão poderá ser concedido apenas por Deus.

Neste artigo sobre “A Divinização e a Humanização do Perdão no Imaginário Popular Religioso Brasileiro” busca-se, não apenas, ampliar a compreensão do que seja esse imaginário religioso brasileiro, a conceituação de perdão no Antigo e Novo Testamento, a humanização do perdão e aplicação do aconselhamento como facilitador do perdão e do autoperdão.

### O imaginário popular religioso brasileiro. O que é?

Houaiss define imaginário como algo “criado pela imaginação, e que só nela tem existência; fictício”.<sup>4</sup> Na realidade, aplicado à religiosidade, esse conceito criado ou imaginado, definirá a relação entre o real e o imaginário. Nesse caso, o imaginário religioso assume a categoria de realidade. O real é o imaginário; o imaginário é o real. Pereira, em *Interfaces do Sagrado* define que “o imaginário é aquilo que pertence ao domínio da imaginação. É a reunião de elementos pertencentes ou característicos do folclore, da vida, seja de um grupo de pessoas, um povo, ou uma nação”.<sup>5</sup>

Ainda, o referido autor compreende que esse imaginário “pode ser entendido por ‘imagens’ que povoam as ideias ou a mente de pessoas ou grupos específicos, e que são vistos, a partir desses, como axiomas que norteiam suas ações comportamentais”.<sup>6</sup> Portanto, o “Errar é humano. Perdoar é Divino” torna-se um axioma comportamental para justificar a ausência do perdão nas relações pessoais. Isto se adequa às modalidades específicas do imaginário, que segundo Baczko são: “acreditar, sentir e pensar”.<sup>7</sup> Sobre essa questão, Sandra Pesavento no artigo sobre: Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário afirma que

[...] o imaginário é histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para conferir sentido ao real. Essa construção de sentido é ampla, uma vez que se expressa por palavras/discursos/sons, por imagens, coisas, materialidades e por práticas, ritos, performances. O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta

<sup>4</sup> HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. Versão 1.0, Registro FHS - 24553479. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

<sup>5</sup> PEREIRA, José Carlos Pereira. *Interfaces do Sagrado*. Catolicismo popular. O imaginário religioso nas devoções marginais. Aparecida: Ed. Santuário, 2011, p. 19.

<sup>6</sup> PEREIRA, 2011, p. 19.

<sup>7</sup> BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi - Anthropos - Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986, p.309.

semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber – fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito.<sup>8</sup>

Cavalcanti, no *Imaginário da Intolerância: da Inquisição ao Ensino (Não) Religioso*, enaltece a ideia do imaginário como marca distintiva entre os humanos e sendo, esse essencial para a compreensão da história. Por isso, para o autor, “a imaginação é uma faculdade humana e o imaginário é a totalidade baseada no tempo, na História, e não raízes etnológicas das representações humanas. [...] distingue o homem de todos os animais”.<sup>9</sup> Observe-se aqui, que uma análise feita do pensamento de Cícero, Jerônimo e Pope mencionados na introdução deste artigo, sem dúvida, afloraria muitos dos aspectos históricos e comportamentais da época, inclusive a relação com o divino, o que corroboraria com o pensamento de Cavalcanti.

### O imaginário religioso e o divino

Se tornado ‘real’ o imaginário, ele torna-se ‘o fio condutor’ para/e de muitas experiências religiosas. Segundo Rocha, “o axioma que afirma que a doutrina deve julgar a experiência, e jamais o contrário vem sendo vulnerabilizado. [...] A experiência determina a doutrina a ser seguida”.<sup>10</sup> Sem dúvida, a priorização do sentir faz com que o imaginário popular religioso brasileiro seja tão emergente. Por isso, para Rocha e ainda partilhando do pensamento da antropóloga Léa Freitas Perez, em *Breves Notas e Reflexões sobre a Religiosidade Brasileira*, seja tão complexa a tarefa de caracterizar a religiosidade brasileira, e explica:

A razão disto: a multiplicidade fantástica de crenças e práticas religiosas que permeiam nossa nação. Tal religiosidade, ao contrário do que acontece em outras nações, não se mostra homogênea, consensual, mas como um produto de tão variadas expressões, quanto variadas são as raízes que as determinam. [...] O brasileiro é profundamente religioso, mas de uma religiosidade festiva e carnal, vivido mais teatralmente, pública e coletiva, do que sentida na solidão do foro interior, no fundo de si mesmo.<sup>11</sup>

Na realidade, a sociedade religiosa mostra-se mais interessada em sentir Deus do que receber informações/conceitos sobre Deus. E é claro que isso cria um novo conceito do ‘divino’ no imaginário religioso. Campos, em *Quem é o Deus dos brasileiros?* faz uma análise interessante sobre a relação Deus e o brasileiro. A depender das pesquisas, cerca de 90 a 98% dos brasileiros afirmam acreditar em Deus ou pelo menos aquiescem à sua

<sup>8</sup> PESAVENTO, Sandra. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, p. 9-27, 1995.

<sup>9</sup> CAVALCANTI, Carlos André. *No Imaginário da Intolerância*. Da Inquisição ao Ensino (não) Religioso. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 41.

<sup>10</sup> ROCHA, Abdruschin Schaeffer. O racional e o estético como determinante da religiosidade brasileira. In: PRICE, Donald (Org.) *Respostas evangélicas à religiosidade brasileira*. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 15-16.

<sup>11</sup> ROCHA, 2004, p.11.

existência. Afirma Campos, que apesar da religiosidade, o brasileiro “revela-se um indivíduo superficial e descomprometido [...] informais, superficiais, egocêntricos, imediatistas, materialistas [...] onde a preocupação é com esta vida. O que interessa é o aqui e o agora”.<sup>12</sup>

Ainda Campos, faz uma análise comportamental da religiosidade brasileira enfatizando a sua tolerância, resultado de “um povo que foi obrigado a conviver com mudanças e concessões”.<sup>13</sup> Para o autor, “a tolerância é a porta para imoralidade”.<sup>14</sup> Isso resulta numa ética tolerante e “da mesma forma que se negociam prazos e valores, negociam-se também as transgressões e a relação com Deus”.<sup>15</sup> Essa tolerância adequa-se plenamente ao “errar é humano”.

Tolerância gera o informalismo. O que torna a relação com Deus e os valores cada vez mais informais. O povo brasileiro cada vez mais “abre mão de compromissos oficiais e duradouros. [...] e frases como ‘Deus é brasileiro’ ou ‘todo mundo é filho de Deus’, revelam o pensamento de um povo que acredita que Deus está do nosso lado, não importa o que façamos”.<sup>16</sup> Por isso, parte da obrigação de um Deus tolerante, é perdoar. Daí, Deus se torna um ‘Deus bonachão, disposto a relevar qualquer tolice em nome de sua bondade’. Sendo assim, é plausível que no imaginário popular religioso brasileiro o conceito de “Errar é humano. O perdoar é divino” se adequa perfeitamente. Mas, não é isso que diz as Escrituras Sagradas.

### A relação Deus-homem-perdão no Antigo e Novo Testamento

Ernest Wright, em *O Deus que Age*, torna relevante o fato de que “a proclamação (*Kerigma*) daquilo que Deus tem feito é a preocupação central das Escrituras. E daquilo que Deus tem feito, se conclui que Ele é (ou quem Ele é?)”.<sup>17</sup> Deus é revelado nas Escrituras como um Deus que perdoa. Kaiser, em seu verbete do verbo hebraico *salah* – perdoar, afirma que:

Esse verbo junto com um pequeno número de outros, tais como *bara'*, ‘criar’, é utilizado nas Escrituras apenas em referência a Deus. Emprega-se *salah* para referir-se ao oferecimento que Deus faz de perdão ao pecado.

<sup>12</sup> CAMPOS, Mateus Ferraz de. Quem é o Deus dos Brasileiros? In: PRICE, Donald (Org.). *Respostas evangélicas à religiosidade brasileira*. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 139, 148-149.

<sup>13</sup> CAMPOS, 2004, p. 140.

<sup>14</sup> CAMPOS, 2004, p. 141.

<sup>15</sup> CAMPOS, 2004, p. 141.

<sup>16</sup> CAMPOS, 2004, p. 141.

<sup>17</sup> WRIGHT, G. Ernest. *O Deus que age*. Trad. Sumio Takatsu. São Paulo: ASTE, 1967, p.19.

Não se acha essa raiz, em nenhuma de suas formas, referindo-se a pessoas se perdoando mutuamente.<sup>18</sup>

Daí pode-se concluir que perdoar é um ato fundamentalmente divino. Diante disso, Prunzel define o perdão, em termos teológicos, como “um ato de Deus por meio do qual o seu amor absoluto sujeita o ser humano pecador e o integra na comunhão com Ele”.<sup>19</sup> Ainda, segundo o autor, “não é apenas um ato inicial na relação Deus e ser humano [...] mas que acompanha esta relação por toda vida, já que constitui o fundamento da vida cristã como o poder de nela continuar vivo”.<sup>20</sup> Diante, disso podemos associar o perdão à ideia de vida.

O perdão divino está ligado à misericórdia de Deus. Grün, em *Perdoa a Ti Mesmo*, assevera esse conceito ao afirmar que “a razão pela qual Deus sempre perdoa aos homens está em sua misericórdia”.<sup>21</sup> No Salmo 103.3, Davi ao bendizer a misericórdia de Deus, declara: “Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades”.<sup>22</sup> Deus é a fonte do perdão, o Cristo reconheceu isso ao suplicar pelos que o crucificavam dizendo: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. (Lc 23.34)<sup>23</sup>

A ideia do perdão está ligada à misericórdia, que está ligada à graça de Deus, a qual Crabtree define como sendo “a força operativa de Deus no estabelecimento da justiça no mundo”.<sup>24</sup> O perdão é expressão da justiça redentora de Deus alicerçada em sua graça. Para Boff, misericórdia e graça redentora são conceitos interligados:

A Escritura do AT fala a graça e da graça em termos de história: a libertação do Egito, depois, o próprio fato da criação e dos bens da criação e da eleição de Israel. [...] Deus escolhe por pura benevolência o menor de todos os povos para ser testemunha e anunciador do único Deus. Israel fez a experiência de sua singularidade histórica. Isso foi vivido com graça [...] Graça é sempre vivida com bondade misericordiosa de Deus, não abstratamente, mas em termos de história.<sup>25</sup>

O perdão de Deus é tão significativo no Antigo Testamento que o profeta Isaías apresenta-o como “o âmago do convite à salvação”.<sup>26</sup> Disse o profeta: Deixe o perverso o

<sup>18</sup> KAISER, Walter C. Verbete 1505 (*salah*) perdoar. In: HARRIS, R Laird. ; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Marcio Loureiro Redondo; Luiz A.T. Sayão. Carlos Oswaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1044.

<sup>19</sup> PRUNZEL, Clóvis Jair. Perdão. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al. (Orgs). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 779.

<sup>20</sup> PRUNZEL, 2008, p. 780.

<sup>21</sup> GRÜN, Anselm. *Perdoa a ti mesmo*. Trad. Márcia Neumann. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 12.

<sup>22</sup> BIBLIA. Português. Bíblia Sagrada: Bíblia de Estudo de Genebra. 2ª ed. Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p.765.

<sup>23</sup> BÍBLIA, 2009, p. 1363.

<sup>24</sup> CRABTREE, A.R. *Teologia do Velho Testamento*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960. p.110.

<sup>25</sup> BOFF, Leonardo. *Graça e experiência humana*. A graça libertadora no mundo. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 21-22.

<sup>26</sup> KAISER, 1998, p. 1045.

seu caminho, e o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar”.<sup>27</sup>

Kaiser faz uma observação interessante sobre a experiência do perdão no Antigo Testamento, o que pode ser observado nos escritos proféticos, afirmando que esse perdão “tinha eficácia pessoal, embora, de uma forma objetiva de pensar, o fundamento e alicerce desse perdão tivesse de esperar a morte de Cristo”.<sup>28</sup> Note-se que aqui, a teologia do perdão no Antigo Testamento sofre o que se poderia chamar de mudança de rumo a partir de Jesus.

A teologia veterotestamentária do perdão, sem dúvida testifica que o perdão é um ato divino. O perdão está em/com Deus. É Ele (Deus) quem perdoa. Mas agora, a partir de Cristo, o perdão oferecido na relação Deus – homem passa a ser oferecido também na relação homem para com seu semelhante.

Jesus Cristo é a expressão maior do perdão de Deus. Evoque-se aqui uma expressão de Brunner quando disse “die Gnade Gottes in Person – (Jesus) é graça de Deus personificada”<sup>29</sup>, que numa paráfrase pode-se dizer: “Jesus é o perdão divino personificado”.

Recorde-se, que Jesus no Sermão do Monte, ao ministrar seu ensino sobre a oração disse: “e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; [...] Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas”. (Mt. 6.12-14)<sup>30</sup> Mais tarde, quando ensinava sobre a maneira como se deve tratar um irmão culpado (Mt 18.15-20), Pedro indagou a Jesus: “ Senhor, até quantas vezes o meu irmão pecará contra mim, para que lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete”.<sup>31</sup> Cumpre-se ressaltar aqui, que não é objeto desse artigo uma reflexão teólogo-exegética do texto, mas tão somente ressaltar a importância do novo ensino de Jesus: perdoar também é humano e não apenas divino.

Perdão no Novo Testamento (*aphiemi*) tem sentido de deixar, cancelar, soltar, remir, não levar em conta. É o verbo encontrado nos textos apresentados. Foi utilizado na LXX (Septuaginta) para a tradução do hebraico *salah*. Vorländer, em seu verbete sobre perdão no Novo Testamento, compreende que “o perdão toma lugar central na proclamação cristã, como meio através do qual se restaura esse relacionamento. Consta como ação de Deus diante do comportamento pecaminoso do homem e se baseia em

<sup>27</sup> BÍBLIA, 2009, p. 947-948.

<sup>28</sup> KAISER, 1998, p. 1045.

<sup>29</sup> BRUNNER, Emil. *Epístola aos romanos*: comentário, tradução e exposição. Trad. Deuber de Souza Calaça. São Paulo: Fonte Editorial Ltda., 2007. p. 241.

<sup>30</sup> BÍBLIA, 2009, p. 1239.

<sup>31</sup> BÍBLIA, 2009, p. 1259.

Cristo”.<sup>32</sup> Ainda segundo o autor, “O homem perdoa seu devedor (Mt 6.12) e até seu inimigo, (Mt 5.38-48; Rm 12.19 e segs.) como consequência do perdão da parte de Deus, em Cristo”.<sup>33</sup> Perdão divino gera perdão humano. Por isso, perdoar é tanto um ato divino, quanto humano. Apontada, portanto, as bases conceituais do perdão nas Escrituras e na relação Deus - homem e do homem para com o homem, busca-se uma melhor compreensão de prática do perdão nas relações interpessoais e seus conflitos.

### **Perdoar - ‘precisamos desesperadamente da ajuda de Deus’**

Reconhece-se a dificuldade no exercício do perdão tanto para com os outros, quanto para consigo mesmo. Perdoar não é uma tarefa fácil, em razão disso, Pritchard, em *O Poder Terapêutico do Perdão*, é enfático ao afirmar que “para perdoar precisamos desesperadamente da ajuda de Deus”.<sup>34</sup> Perdão é um tema em ascensão no meio acadêmico. Em um artigo sobre Vergonha, culpa, depressão contemporânea e perdão, Vertzman considera:

O tema do perdão é recente, mesmo na literatura filosófica, e um marco inaugurador dessa discussão é o período imediatamente após o holocausto. Este é um debate, portanto, profundamente marcado pela avaliação dos limites do perdoável e do punível. No campo da psicanálise, apesar da extensa literatura sobre a culpabilidade, há pouquíssima referência ao perdão.<sup>35</sup>

Considere-se, portanto a relevância do tema não apenas na visão teológica ou religiosa, mas também, na percepção humana e social. Por quê? Porque viver sem a dimensão do perdão é estar condenado a viver sob um jugo de dívida ou de culpa. É viver sob a ‘luz do passado’ sem qualquer esperança em relação ao futuro. Muitas vezes, é viver sob a amargura da autopunição. Isto porque, mesmo sendo o perdão interpretado como uma “capacidade de ultrapassar a mágoa, o ressentimento ou a vingança que o ofensor merecia através da compaixão e benevolência”<sup>36</sup> alguns não conseguem aplicar essa mesma compaixão e benevolência a si mesmos.

<sup>32</sup> VORLÄNDER, H. Perdão (NT) In: HARRIS, R Laird.; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Marcio Loureiro Redondo; Luiz A.T. Sayão. Carlos Oswaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1646.

<sup>33</sup> VORLÄNDER, 1998, p. 1647.

<sup>34</sup> PRITCHARD, Ray. *O poder terapêutico do perdão*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. p.109.

<sup>35</sup> VERTZMAN, Julio.; PINHEIRO, Teresa. ; HERZOG, Regina. *Vergonha culpa, depressão contemporânea e perdão*. Disponível em: <http://www.uva.br/trivium/edição1/pesquisa-1-vergonha-culpa-depressao-contemporanea-e-perdao-ufjr.pdf> 2009, p. 181. Acesso: 24/abr./2015.

<sup>36</sup> OLIVEIRA, José H. Barros de. *Felicidade e perdão: uma abordagem intercultural*. 2003, VII, 2, p.285. Disponível em: [sigarra.up.pt/ftceup/em/publs\\_pesquisa.form\\_view?P\\_id=81324](http://sigarra.up.pt/ftceup/em/publs_pesquisa.form_view?P_id=81324) Acesso em: 24 abr. 2015.

Na realidade, do ponto de vista humano, o perdão não é uma atitude previamente esperada. Wondracek diz que isso torna-se possível, apenas, pela intervenção ou presença de Deus na vida. Por isso, diz a autora:

O perdão não é próprio do padrão de comportamento baseado em ação e reação. Perdoar é aceitar o convite de Deus para assistir ao milagre da graça. [...] É aceitar que vivemos debaixo da graça na condição de perdoados. [...] É uma lógica oposta à lógica da vingança. [...] Perdão faz parte da linguagem do amor de Deus.<sup>37</sup>

Mesmo que o perdão não seja próprio do padrão do comportamento, humanizar o perdão é, antes de tudo, deixar a zona de conforto que baseava-se na conceituação exclusiva de que o “perdoar é divino”. Isso significa internalizar o evangelho da graça, que segundo Yancey, “começa e termina no perdão”.<sup>38</sup> Além de uma atitude de desafio, o perdão é terapêutico. Pritchard afirma que “o perdão nos liberta do medo, da culpa, da raiva e da amargura, de modo que podemos prosseguir com a vida. É uma dádiva transformadora de Deus”.<sup>39</sup> Ainda, para uma melhor compreensão do que é perdão, observe-se a definição de Prunzel:

Em termos morais e psicológicos, perdão é a remissão da pena ou castigo decorrente de uma ofensa ou injúria pessoal. Em termos teológicos, o perdão dos pecados é o ato de Deus por meio do qual o seu amor absoluto sujeita o ser humano pecador e o integra na comunhão com Ele mesmo. Em perspectiva moral e psicológica, o perdão é alcançado por aqueles que têm o direito legal de concedê-lo, isso considerando a quebra das relações que se transformaram em culpa. [...] O perdão proporcionará liberdade de ação e interação, visto que a capacidade de se perdoar proporciona condições de vida comunitária. [...] Portanto, toda e qualquer iniciativa ética e todo o sentimento psicologicamente, precisa repousar no amor de Deus.<sup>40</sup>

O grande desafio do perdão é aceitar (ou colocar-se) na condição de ofendido, o prejuízo causado pelo ofensor. Oliveira aborda essa questão quando trata do aspecto etimológico da palavra perdão:

Etimologicamente, o vocábulo provém do latim *tardio perdonum* que comporta o prefixo *per* (pode significar perfeição da acção e também afastamento, bem como, instrumentalidade: ‘através de’, ‘por’) e o substantivo *donun* (dom). Por conseguinte, perdoar significa entregar um dom completamente, sem querer nada em troca, distanciando-se por assim dizer desse donativo, em sentido local e temporal, ou também um dom entregue através de outro ou servindo-se de alguém (como intermediário)

<sup>37</sup> WONDRAECK, Karin K. *Caminhos da graça*. Identidade, crescimento e direção nos textos da Bíblia. Viçosa: Ed. Ultimato, 2006. p. 40.

<sup>38</sup> YANCEY, Philip. *Maravilhosa Graça*. Trad. Yolanda Krievin. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ed. Vida, 2007. p.84.

<sup>39</sup> PRITCHARD, 2006, p. 253.

<sup>40</sup> PRUNZEL, 2008, p. 779-781.

No latim clássico, não existe o verbo *perdonare*, mas sim *perdere* (per-dare) com sentido de “perder”, mas também de “dar”.<sup>41</sup>

Considere-se a importância de sempre encarar o perdão como resultado e manifestação da graça divina. Só a graça é capaz de habilitar o ser humano para expressar o perdão ao próximo, como extensão do perdão divino. Entretanto, perdoar ao próximo, em algumas circunstâncias é menos penoso que a ministração do autoperdão. Para Tipping, em *Autoperdão Radical*, “não é só uma decisão ou escolha de abandonar o próprio direito de ressentimento, culpa, vergonha e julgamentos negativos, mas um imperativo para substituí-los por compaixão, generosidade e amor (a si mesmo)”.<sup>42</sup>

O autoperdão é um dos grandes desafios a serem vencidos nos escritórios de aconselhamento pastoral. Muitos compreendem e até mesmo tomam para si mesmos o ‘perdão divino’, mas não conseguem se autoperdoarem. Chapman, em *As Cinco Linguagens do Perdão*, quando discorre sobre restauração possibilitada pelo perdão do indivíduo para com o próprio indivíduo, esclarece que:

Ao pedir perdão a si mesmo, você procura remover o desequilíbrio emocional entre a pessoa que *deseja ser* (o eu ideal) e aquela que é de fato (o ‘eu’ real). Quanto maior a distância entre o “eu” ideal e o “eu” real, maior a intensidade do distúrbio emocional interno. A “ paz consigo” só é alcançada quando a distância entre o “eu” ideal e o “eu” real desaparece. Pedir perdão a si mesmo (e consequentemente receber esse perdão) é uma maneira de acabar com essa distância.<sup>43</sup>

Assimilar que o perdão e o autoperdão também são possibilidades humanas e não apenas divinas pode se tornar um conflito intenso, acompanhado de muitas dores existenciais. Por isso, torna-se confortável abraçar o dito do imaginário popular religioso de que: ‘Errar é humano. Perdoar é divino’. Entretanto, essa não é a realidade. E sair desse ‘imaginário’ exigirá, em muitas situações, de uma ajuda que poderá ser ministrada através do aconselhamento ou do cuidado pastoral.

### **Aconselhamento pastoral: auxiliando no processo do perdão e do autoperdão**

Aconselhar é um trabalho de ajuda. Essa visão é compartilhada por Hurding ao afirmar que “a essência do aconselhamento é a de ajudar o outro por meio de um

<sup>41</sup> OLIVEIRA, 2003, VII, 2, p. 284.

<sup>42</sup> TIPPING, Colin. *Radical self-forgiveness: The direct path true self-acceptance*. Colorado: Sounds True, 2011, p. 4. "Not only a decision or a choice to abandon one's right to resentment (guilt and shame [my italics]) and negative judgments, but an imperative to replace those with compassion, generosity and (self) love. No texto, usada a tradução livre.

<sup>43</sup> CHAPMAN, Gary.; THOMAS, Jennifer M. *As cinco linguagens do perdão*. Trad. Omar de Souza. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, p. 237.

relacionamento de cuidado”.<sup>44</sup> Assim, conceitua aconselhamento como “uma atividade com o objetivo de ajudar os outros, em todo e qualquer aspecto da vida, dentro de um relacionamento de cuidado”.<sup>45</sup> Esse cuidado, ainda, é marcado “por certo grau de compromisso de ambos os lados”.<sup>46</sup> Poujol, em seu Manual de Relacionamentos de Ajuda, julga ser mais apropriado substituir a expressão ‘conselheiro’ por ajudador e compreende que “o relacionamento de ajuda (aconselhamento) requer igualmente conhecimentos espirituais e psicológicos e o uso de determinadas técnicas a serem aprendidas. Para a prática do relacionamento de ajuda não pode haver improvisação”.<sup>47</sup> Tal conceito também é partilhado por Friesen, quando afirma que aconselhamento “não é uma tentativa de resolver problemas apenas através de conselhos, [...] emprega técnicas e métodos no processo de ajuda”.<sup>48</sup> Essa tarefa ajudadora realizada por um pastor - aconselhamento pastoral é definido por Collins em Aconselhamento Cristão como:

Uma área mais especializada do cuidado pastoral, que se dedica a ajudar indivíduos, famílias ou grupos a lidarem com as pressões e crises. [...] Emprega vários métodos de cura para ajudar as pessoas a enfrentarem seus problemas de uma forma coerente com os ensinamentos bíblicos. O objetivo final é que os aconselhados cheguem à cura, aprendam a lidar com situações semelhantes e experimentem crescimento espiritual.<sup>49</sup>

Sathler-Rosa, em Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança: uma hermenêutica teólogo-pastoral, cita o teólogo pastoral de Gana, Emmanuel Lartey, que identifica essa atividade pastoral com ‘atos de ajuda’,<sup>50</sup> atividade essa, extensiva a outros ‘representantes cristãos’ e não apenas às pessoas ordenadas. Sobre o assunto, conclui o autor:

A categoria de ‘cuidado’ tem conotações que superam as noções comuns que lhe são aplicadas: “ser-no-mundo-com-outros”, “atitude de solicitude, de atenção, dedicação”; quem cuida sente-se “afetivamente ligada do outro”; “é constituição ontológico - existencial” do ser e do “ser-aí”, no mundo; assevera que o cuidar é universalmente humano. E só podemos receber cuidado se cuidarmos de outros. Trata-se de uma atitude e não de dois atos. Não nos tornamos pessoa sem o encontro com outra pessoa. [...] Cuidar é mais do que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de

<sup>44</sup> HURDING, Roger F. *A árvore da cura: modelos de Aconselhamento e psicoterapia*. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo, Vida Nova, 1995, p. 35.

<sup>45</sup> HURDING, 1995, p. 36.

<sup>46</sup> HURDING, 1995, p. 38.

<sup>47</sup> POUJOL, Jacques e Claire. *Manual de relacionamento de ajuda: conselhos práticos para aconselhamento psicológico e espiritual*. Trad. Norma Cristina Guimarães Braga. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.12.

<sup>48</sup> FRIESEN, ALBERT. *Cuidando do ser: Treinamento em aconselhamento pastoral*. 3. ed. Curitiba: Esperança, 2012, p. 19.

<sup>49</sup> COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Pastoral: edição século 21*. Trad. Lucília Marques Pereira da Silva. Reimpressão 2009. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 17.

<sup>50</sup> SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado Pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral*. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2010, p. 36.

ocupação, de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.<sup>51</sup>

Explicitados os conceitos básicos do aconselhamento ou do cuidado pastoral, busca-se agora evidenciar os dilemas ou conflitos na relação pessoa-perdão. Mais uma vez, reconhece-se a aqui, que divinizar o perdão, é, antes, uma maneira de evitar o confronto na relação ofendido-ofensor e ofensor/ofensor. Sim, porque no autoperdão, é o ofensor quem não se perdoa. Cumpre-se lembrar, que perdoar não significa necessariamente, na visão de Pritchard, “aprovar o que uma pessoa fez; fingir que o mal nunca foi feito; fazer vistas grossas para o abuso; [...] esquecer o mal que foi feito; fingir que você nunca se magoou; [...] que todas as consequências negativas do pecado foram anuladas”.<sup>52</sup> Significa tão somente que o indivíduo, mesmo reconhecendo o ‘errar como uma atitude universalmente humana’, fez opção pelo perdão.

Para Lutzer, em *Quando a Reconciliação Falha: partindo da amargura para o perdão*, o autor reconhece no perdão “tanto um ato quanto um processo. [...] sendo um ato de cura de si mesmo, pois, quando perdoamos, fazemos um favor a nós mesmos”.<sup>53</sup> A questão é que alguns não conseguem receber esse favor de si mesmos. O autoperdão é um favor não alcançável. Objetivando auxiliar no aconselhamento pastoral, àqueles que travam conflitos na área do perdão, relaciona-se aqui algumas sugestões para facilitar o processo de humanização do perdão:

**Atualização da dívida:** O psiquiatra Fábio Damasceno quando escreve sobre a Psicologia do Perdão, afirma que no processo de confrontação/enfrentamento “a atualização da dívida é o primeiro passo a ser dado”.<sup>54</sup> A esse posicionamento Tournier denomina de “autorrecordação, o que levará tal pessoa, a penetrar mais profundamente em si mesma, e a tornar-se mais consciente do pecado inconsciente”.<sup>55</sup> Atualizar a dívida traz à tona aquilo que é passado, aquilo que está oculto, aquilo que precisa ser tratado.

**Confissão/Reconhecimento do problema.** Para Clinebell, a confrontação/autoconfrontação levará “espontaneamente o aconselhando à confissão”.<sup>56</sup> Wondracek, em relação à confissão diz que significa “soltar tudo que nos intoxica e apodrece dentro de nós”.<sup>57</sup> Esse é o momento que o imaginário popular religioso se torna desvanecido como imagem para dar lugar à realidade: perdoar também é um dom humano. Entretanto, é

<sup>51</sup> SATHLER-ROSA, 2010, p.35.

<sup>52</sup> PRITCHARD, 2006, p. 31-32.

<sup>53</sup> LUTZER, Erwin W. *Quando a reconciliação falha: partindo da amargura para o perdão*. Trad. Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 127.

<sup>54</sup> DAMASCENO, Fábio. *A psicologia do Perdão: como perdoar até imperdoável*. Vinhedo: IFC, 1998. p.39.

<sup>55</sup> TOURNIER, Paul. *Culpa e graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do evangelho*. Trad. Ruth Silveira Eismann, 5ª impressão (1998). São Paulo: ABU, 1985, p.194.

<sup>56</sup> CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado na libertação e crescimento*. Trad. Walter Schlupp; Luís Marcos Sander. 5. ed. São Leopoldo: Fac. EST; Sinodal, 2011. p. 141.

<sup>57</sup> WONDRAECK, 2006, p.39.

muito importante a quebra de imagem para ceder lugar à realidade do perdão, a fim de que se processe num ambiente da graça divina.

Segundo Nascimento, confissão é dizer a mesma coisa que Deus diz acerca do pecado daquele que confessa ou “declarar-se culpado das acusações feitas pela própria consciência”.<sup>58</sup> Percebe-se que durante a confissão, nesse caso, a consciência da necessidade do perdão, pode haver um sofrimento causado pelo ‘empoderamento do finito’, onde o finito (homem) reconhece haver a possibilidade da *kenosis* (encarnação/esvaziamento) do Eu para dar lugar ao dom divino e infinito (Deus) do perdão. Esse processo também é vital para o autoperdão.

**Arrependimento:** Trata-se de uma atitude criativa, inovadora diante da nova realidade: perdoar também é um ato humano. Divino em sua essência, mas humanizado em sua prática. É o resultado da graça divina ministrada sobre a vida. Munguba em sua reflexão sobre o arrependimento diz que:

A eficácia do arrependimento ultrapassa em muito os efeitos temporários da reparação. O arrependimento não visa a mudanças para adquirir aceitação, mas produz mudanças na disposição interna do próprio indivíduo. O arrependimento nasce no íntimo das pessoas e se prolonga em direção aos relacionamentos; alivia definitivamente a angústia provocada pela culpa, além de modificar as atitudes do sujeito frente à vida e os seus atos frente aos outros. [...] As mudanças promovidas pelo arrependimento se estendem dos pensamentos aos sentimentos, dos desejos aos atos concretos, alterando nitidamente as posturas já assumidas.<sup>59</sup>

O arrependimento constitui-se em um passo importante nesse processo de ajuda, pois é o arrependimento que faz com que o humano se abra para o divino, fazendo eclodir na vida do aconselhando a experiência do perdão, onde de fato, ‘errar’ continuará a ser humano, mas perdoar, a partir do divino, se torna realidade também no humano.

## Considerações Finais

As expressões do imaginário popular, em particular, as do contexto religioso brasileiro, ainda que sejam resultados de pouca reflexão, é uma realidade a ser considerada por aqueles que procuram se aprofundar no conhecimento das manifestações cristãs - religiosas do povo brasileiro, seja no catolicismo romano, no protestantismo histórico ou entre os neopentecostais. Esse imaginário assume a condição de axioma determinando crenças, valores e comportamentos.

Esse artigo procurou refletir com mais intensidade acerca desse ‘imaginário’ através do conceito “Errar é humano. Perdoar é Divino”, que, analisado separadamente, ‘errar é humano’ e ‘perdoar é divino’ tem a sua coerência, mas se analisados

---

<sup>58</sup> SOUZA, Manoel Nascimento Pereira. *Cura interior pela confissão*. São Luiz: SIOGE, [198-]. p. 13.

<sup>59</sup> MUNGUBA, Amauri. *Fé e saúde emocional*. Salvador: Raízes, 2012. p. 74.

conjuntamente, observando que o perdão é apenas divino, perde o seu sentido bíblico-teológico, pois perdoar é um ato tanto humano, quanto divino.

A partir do enfoque “A relação Deus-homem-perdão no Antigo e Novo Testamento” asseverou-se que o perdão é um dom divino, pois Deus se revela nas Escrituras como um Deus que perdoa, mas, que, especialmente a partir de Jesus Cristo, o perdão torna-se possível como ação humana. Entretanto, reconheceu-se a dificuldade humana no exercício do perdão e a necessidade da ajuda de Deus para a ministração do perdão. No Novo Testamento, o perdão passa a ser uma atitude ético-comportamental do cristão. Um dos grandes desafios da prática do perdão é aceitar na condição de ofendido, o prejuízo causado pelo ofensor. Outro aspecto referente ao perdão que foi considerado estabelece a relação com o autoperdão. Sugeriu-se ao final do artigo, o recurso do aconselhamento pastoral ou relacionamento de ajuda como auxílio ao processo do perdão, em que se considerou a atualização da dívida, a confissão e o arrependimento como facilitadores da humanização do perdão.

## Referências

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: *Enciclopédia Einaudi – Anthropos – Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada: Bíblia de Estudo de Genebra*. 2. ed. rev. e atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

BOFF, Leonardo. *Graça e experiência humana. A graça libertadora no mundo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRUUNER, Emil. *Epístola aos romanos: comentário, tradução e exposição*. Trad. Deuber de Souza Calaça. São Paulo: Fonte Editorial Ltda., 2007.

CAMPOS, Mateus Ferraz de. Quem é o Deus dos Brasileiros? In: PRICE, Donald (Org.). *Respostas evangélicas à religiosidade brasileira*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

CAVALCANTI, Carlos André. *No Imaginário da Intolerância. Da Inquisição ao Ensino (não) Religioso*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

CHAPMAN, Gary. ; THOMAS, Jennifer M. *As cinco linguagens do perdão*. Trad. Omar de Souza. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado na libertação e crescimento*. Trad. Walter Schlupp; Luís Marcos Sander. 5. ed. São Leopoldo: Fac. EST; Sinodal, 2011.

COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Pastoral: edição século 21*. Trad. Lucília Marques Pereira da Silva. Reimpressão 2009. São Paulo: Vida Nova, 2004.

CRABTREE, A.R. *Teologia do Velho Testamento*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.

DAMASCENO, Fábio. *A psicologia do Perdão: como perdoar até imperdoável*. Vinhedo: IFC, 1998.

FRIESEN, ALBERT. *Cuidando do ser: Treinamento em aconselhamento pastoral*. 3. ed. Curitiba: Esperança, 2012.

GRÜN, Anselm. *Perdoa a ti mesmo*. Trad. Márcia Neumann. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HESSE, Hegel. *A história do mundo em 50 frases*. Trad. Maria Irene Bigotti de Carvalho. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. Versão 1.0, Registro FHS - 24553479. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

HURDING, Roger F. *A árvore da cura: modelos de Aconselhamento e psicoterapia*. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo, Vida Nova, 1995.

KAISER, Walter C. Verbete 1505 (*salah*) perdoar. In: HARRIS, R Laird. ; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Marcio Loureiro Redondo; Luiz A.T. Sayão. Carlos Oswaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

LUTZER, Erwin W. *Quando a reconciliação falha: partindo da amargura para o perdão*. Trad. Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

MUNGUBA, Amauri. *Fé e saúde emocional*. Salvador: Raízes, 2012.

OLIVEIRA, José H. Barros de. *Felicidade e perdão: uma abordagem intercultural*. 2003 VII, 2, p.285. Disponível em: <[sigarra.up.pt/ftceup/em/publs\\_pesquisa.form\\_view?P\\_id=81324](http://sigarra.up.pt/ftceup/em/publs_pesquisa.form_view?P_id=81324)> Acesso em: 24/abril/2015.

PEREIRA, José Carlos Pereira. *Interfaces do Sagrado. Catolicismo popular. O imaginário religioso nas devoções marginais*. Aparecida: Ed. Santuário, 2011.

PESAVENTO, Sandra. *Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário*. Revista Brasileira de História: São Paulo, 1995.

POUJOL, Jacques e Claire. *Manual de relacionamento de ajuda: conselhos práticos para aconselhamento psicológico e espiritual*. Trad. Norma Cristina Guimarães Braga. São Paulo: Vida Nova, 2006.

PRITCHARD, Ray. *O poder terapêutico do perdão*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

PRUNZEL, Clóvis Jair. *Perdão*. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al. (Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

ROCHA, Abdruschin Schaeffer. *O racional e o estético como determinante da religiosidade brasileira*. In: PRICE, Donald (Org.) *Respostas evangélicas à religiosidade brasileira*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado Pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral*. 2ª ed. São Paulo: ASTE, 2010.

SOUZA, Manoel Nascimento Pereira. *Cura interior pela confissão*. São Luiz: SIOGE, [198-].

TIPPING, Colin. *Radical self-forgiveness: The direct path true self-acceptance*. Colorado: Sounds True, 2011.

TOURNIER, Paul. *Culpa e graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do evangelho*. Trad. Ruth Silveira Eismann, 5ª impressão (1998). São Paulo: ABU, 1985.

VERTZMAN, Júlio; PINHEIRO, Teresa; HERZOG, Regina. Vergonha culpa, depressão contemporânea e perdão. Disponível em: <http://www.uva.br/trivium/edição1/pesquisa-1-vergonha-culpa-depressão-contemporânea-e-perdao-ufjr.pdf>> 2009, p. 181. Acesso: 24/abr. /2015.

VORLÄNDER, H. *Perdão* (NT) In: HARRIS, R Laird. ; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Marcio Loureiro Redondo; Luiz A.T. Sayão. Carlos Oswaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

WONDRACEK, Karin K. *Caminhos da graça. Identidade, crescimento e direção nos textos da Bíblia*. Viçosa: Ed. Ultimato, 2006.

WRIGHT, G. Ernest. *O Deus que age*. Trad. Sumio Takatsu. São Paulo: ASTE, 1967.

YANCEY, Philip. *Maravilhosa Graça*. Trad. Yolanda Krievin. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ed. Vida, 2007.